



“Rainha das Mulatas” e “Boneca de Piche” para tomar a palavra⁶⁰

Jackson Douglas Leal Silva⁶¹

Luciene de Oliveira Dias⁶²

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: O presente trabalho é pensado a partir dos estudos culturais e decoloniais, em suas linhas de pensamento contemporâneas. Nosso mote é a reflexão crítico-conceitual acerca dos concursos de beleza negra, Rainha das Mulatas (1947) e Boneca de Piche (1948), realizados pelo Teatro Experimental do Negro. Pela análise documental, buscamos compreender como essas iniciativas de enfrentamento à estética hegemônica contribuíram para o reconhecimento e fortalecimento das mulheres negras brasileiras.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Teatro Experimental do Negro. Antirracismo.

Em sua proposta de construção da defesa ao sistema de cotas étnico-raciais nas universidades públicas brasileiras, José Jorge de Carvalho (2008), denuncia o racismo totalmente amparado na fenotipia, que impera na sociedade brasileira e que é fruto de um patriarcado eurocêntrico, caucasiano e racista.

Se algo caracteriza a nossa era, em todo o planeta, é a presença do racismo fenotípico intenso. Os seres humanos que classificamos como caucasianos, isto é, de pele clara, olhos claros, cabelos lisos e narizes finos - enfim, os "brancos" ocidentais, europeus em geral e muito particularmente os anglo-saxões - definiram um padrão de valor e beleza para toda a espécie humana e o impuseram (antes a ferro e fogo e atualmente através da indústria cultural e do controle político e financeiro) a todo o resto do mundo (Carvalho, 2008, p. 1 - grifos do autor).

Esse padrão de valor e beleza compulsoriamente hegemônico e opressor faz com que o corpo da pessoa negra se torne um corpo que causa incômodo e, por isso, fica permanentemente sujeito ao racismo. Compreendemos que “a difusão do padrão branco ocidental passou, além da cor da pele, para as proporções anatômicas ditas clássicas”, ou seja, “para o homem, altura de 1,80m, nem magros nem gordos; para as mulheres, altura de 1,75m, seios de tamanho médio, sem excesso de quadril nem de glúteos” (Carvalho, 2008, p. 8).

⁶⁰ Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Câmpus Laranjeiras.

⁶¹ Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. Bolsista Capes. E-mail: jackgyn_@hotmail.com

⁶² Doutora em Antropologia. Professora da Universidade Federal de Goiás vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Diferença. E-mail: lucienediasj@gmail.com



Nilma Lino Gomes (2002) nos chama atenção para a coisificação do corpo negro. Ela argumenta que esse mesmo corpo subalternizado, coisificado, marcado a ferro e fogo, mutilado, açotado, cria distintas formas de resistir ao sistema opressor. Além de criar estratégias, este corpo passa a agir no sentido de aglutinar outros igualmente subalternizados.

Em uma época em que a liberdade estava associada à carta de alforria os negros escravizados resistiam com: As danças, os cultos, as tranças, a manipulação do corpo, as ervas medicinais como modos específicos e libertadores de trabalhar o corpo. Esse corpo é espaço de conflito, dor e rejeição, porém apesar de tentarem coibir essa resistência os negros mantiveram ou recriaram em seus corpos os sinais e adereços das culturas africanas. [...] enfeites, penteados, tranças, ou seja, o corpo sendo usado como espaço de expressão e resistência (Gomes, 2002, p. 4).

Percebemos que o corpo negro quando ligado com a arte, por exemplo, desperta consciências e memórias, possibilitando a compreensão de elementos que tencionam e refletem o papel dos corpos negros numa sociedade forjada a partir da cultura eurocêntrica e racista. Esse movimento de reconhecimento e apropriação das múltiplas possibilidades de utilização do corpo torna a arte mais um espaço de reflexões e de afirmações.

A partir de tal compreensão, percebemos o corpo como algo que comunica. Assim, de acordo com Greiner (2010, p. 95), o corpo passa a ser “uma manifestação exterior do conteúdo interior”, dispensando a linguagem verbalizada. Colocarmos o corpo como meio de comunicação, como mídia, é levarmos em consideração que a consciência corporal também é histórica, sagrada e ritualística. De acordo com Christine Greiner (2010),

[...] A presença do corpo nada mais é do que a externalização de um pensamento que se dá a partir de micromovimentos de interface entre o dentro e o fora do corpo. O seu reconhecimento depende, ao mesmo tempo, da “melodia cinética” composta no corpo e do olhar do outro que, por sua vez, engendra novos deslocamentos redimensionando as interfaces e reinventando os pensamentos [...] não se pode mais restringir a comunicação aos cinco sentidos relacionados aos nossos órgãos do sentido. O movimento e o sistema sensorio-motor mostram-se fundamentais para a comunicação (Greiner, 2010, p. 97).

Os corpos negros, que resistem ao racismo – “externalizando seus pensamentos a partir de micromovimentos com interface entre o dentro e o fora do corpo” (Greiner, 2010, p. 97) – sendo utilizados como ferramenta e linguagem – tornam-se receptáculo simbólico e expressivo neste deslocamento.

A feminista negra bell hooks (2013), ao discorrer sobre o racismo no Ocidente, chega à conclusão que este:



Tem padronizado tudo, sobre os estigmas velados pelo véu do racismo, sexismo, sobre a imagem dos homens negros e mulheres negras, apenas adquirindo a liberdade de ter contato com brancas/os, visão estereotipada que deveria ser uma luta pública pela igualdade racial e a política privada (hooks, 2013, p. 127).

Chegamos, então, ao ponto de reflexão sobre a proposta de estruturação de novas narrativas no espaço por meio do corpo e da corporeidade negra que compunham o Teatro Experimental do Negro. Pensar essas questões depois de quase oito décadas da atuação do TEN, possibilitando um novo olhar para as questões étnico-raciais e construindo novas narrativas, para além dos limites e das fronteiras impostas à coletividade negra na sociedade brasileira é o nosso objetivo aqui. Apoiando-nos no acionamento das trajetórias negras, acreditamos fortalecer os fios da memória do povo negro.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi fundado em 1944, no Rio de Janeiro por Abdias Nascimento. Enquanto organização político-estética, artística e social, o TEN enfrentou o racismo compreendendo que, para isso, seria fundamental a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Sua estratégia de ação nos ensina que “o ato de tomar a palavra para transformar as relações é a base para bloquear o silêncio enquanto condição de subalternidade” (Dias, 2016, p. 66).

A reflexão acerca do racismo e da condição de subalternidade enquanto demandantes da tomada da palavra inaugura uma ação que pode ser categorizada como antirracista. De acordo com Guimarães (1999, p. 13), o racismo é entendido como construção discursiva, e, portanto, social que opera a partir da hierarquização de seres humanos, lhes cerceando o direito à vida e à integração plena na sociedade, assim, “[...] o racismo brasileiro está intimamente ligado a uma estrutura estamental, que o naturaliza, e não somente à estrutura de classes, como se pensava”, mas também, em todos os campos das hierarquizações das relações sociais, como “raça, classe, etnia e gênero”, o que colabora para a construção da imagem subalternizada da pessoa negra no imaginário social.

Segundo Spivak (2010), o sujeito subalternizado é impossibilitado, por todo esse sistema hierárquico, de falar, mas a resistência se dá cotidianamente e essa busca, quando se rompe o silêncio, é pelo fim da subalternidade. Assim, fazemos coro com Paulo Freire (2005, p. 45) quando este afirma que é necessário que os sujeitos cerceados do direito da fala, reconquistem-na, “proibindo que este assalto desumanizante continue”.



De acordo com Braga (2015, p. 124) “a busca pelo reconhecimento de uma identidade racial incomodava porque suspendia de algum modo, o conforto da elite branca no que diz respeito à problemática racial [...]”. Com o surgimento do TEN, era também lançado um desafio à população negra, ou seja, afirmar sua identidade racial para uma população imersa num discurso de branqueamento e da democracia racial.

A elite branca que “desfilava seus padrões de brancura e se fazia cega aos bens culturais afro-brasileiros” (Braga, 2015, p. 124), sentiu o incômodo diante da estrutura e ação do TEN. A esse respeito, o jornal *Quilombo*⁶³, principal veiculador dos concursos, publicado entre dezembro de 1948 e julho de 1950 já se manifestava em seu primeiro exemplar:

O nosso trabalho, o esforço, é para que *a pessoa negra* rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegura à *população brasileira* igualdade de oportunidades (*Quilombo*, p. 1, 09 dez. 1948 - grifos nossos).

Segundo o jornal *Quilombo*, a pessoa negra deveria ser reconhecida por sua luta em não ficar à margem de uma sociedade racista, e não apenas pela história de sofrimento provocada pela escravidão. Porque, a pessoa negra luta “pelo direito ao Direito” (*Quilombo*, p. 1, 09 dez. 1948).

Sendo assim, além da educação, da política e das artes cênicas – mecanismos que o Teatro Experimental do Negro encontrou para que a população negra afirmasse e/ou tivesse conhecimento de sua identidade racial – foi questionado o conceito do que seja o belo colocando a estética hegemônica eurocentrada em debate. Assim, o TEN alcançou a pluralidade inserindo corpos negros na estética nacional.

Para restituir a autoestima negligenciada às mulheres negras brasileiras, massacradas por uma estética hegemônica, excludente e eurocêntrica o TEN – enquanto uma organização complexa política, estética, artística e social – promoveu os concursos Rainha das Mulatas (1947) e Boneca de Piche (1948). Nossa hipótese é que, ao fazer isso, Abdias Nascimento possibilitou que as mulheres negras brasileiras saíssem da condição de subalternidade e tomassem a palavra. De acordo com Greiner (2010), compreender essa ação como uma

⁶³ Jornal de circulação mensal, fundado no Rio de Janeiro em 1948 pelo Teatro Experimental do Negro. A criação do periódico se deu para ampliar a divulgação das propostas do TEN, assim sua circulação se dava em território nacional e também internacional. Parou de circular em 1950. Alguns de seus exemplares se encontram no sítio do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro).



política de resistência é entender que o corpo da mulher negra se estabelece como uma identidade coletiva.

Mas, se por um lado existia a familiaridade com os nomes dos concursos por outro havia o desconforto e o estranhamento, pois à primeira vista percebemos o querer valorizar a mulher negra. Porém, na medida em que analisamos os termos utilizados observamos a reprodução de estereótipos e estigmas. Entretanto, ao nos localizarmos no tempo histórico de 1947 a 1950 compreendemos a denúncia do estereótipo que o TEN trazia em seu discurso e a necessidade da conversão em um modelo positivo de beleza.

Entretanto, muito embora esses termos possam parecer contraditórios à primeira vista – uma vez que *mulata* e *piche* dizem respeito a determinadas tonalidades de cor e fenótipo –, [...] embora, fizessem alusão a esses estereótipos eles não foram escolhidos como uma inconsciente ambiguidade, mas, com uma ironia que denunciava a necessidade de conversão de um estereótipo em um modelo positivo de beleza (Braga, 2015, p. 125 - grifos da autora).

É olhando para além das fronteiras impostas à mulher negra pelos concursos de beleza hegemônicos que o TEN idealizou e promoveu a primeira edição do concurso Rainha das Mulatas em 1947. Os critérios de julgamento incluíam o talento criativo, os dotes intelectuais e a postura ética da candidata. Assim, naquele ano quem viria ser a eleita seria Maria Aparecida Marques.

Figura 1 – Maria Aparecida Marques eleita Rainha das Mulatas de 1947





O jornal *Quilombo*, principal veiculador das informações a respeito do concurso, ainda não havia sido lançado na primeira edição do concurso. Sendo assim, apenas em 1948 a segunda edição do mesmo evento estaria registrada nas páginas do jornal, muito embora esse registro viesse apenas com uma fotografia da escolhida daquele ano, Mercedes Batista, do corpo de baile do teatro municipal, eleita Rainha das Mulatas de 1948. Mesmo sentada em um sofá, ela apresenta na foto os símbolos da realeza representados pelo cetro em suas mãos e a coroa de rainha que ostenta em seus cabelos.

Figura 2 – Mercedes Batista eleita Rainha das Mulatas de 1948



Fonte: Ipeafro

Os concursos estavam cumprindo o papel de valorização da beleza feminina negra. De acordo com a edição do *Quilombo* de 1950, os concursos almejavam também “proporcionar às mulheres negras uma oportunidade de se projetarem socialmente, de se valorizarem através dessa demonstração pública” (*Quilombo*, p. 9, jan. 1950). Em 1949, a edição de Rainha das Mulatas e Boneca de Piche viria acontecer no mesmo dia e desta vez seria ofertado às vencedoras a quantia de 20 mil cruzeiros – doado pelo engenheiro Jael de Oliveira Lima – e uma noite de elegância para a festa de coroação.



Além disso, o jornal ainda frisa o seu compromisso com a população negra e reafirma o caráter democrático do baile de encerramento: “apesar do seu alto nível social, é uma festa democrática, de confraternização racial e das várias camadas da nossa sociedade, não exigindo trajes a rigor” (*Quilombo*, p. 1, 9 mai. 1949). Todas as pessoas estavam convidadas a celebrar a noite em que a beleza feminina negra estaria sendo reconhecida.

Os concursos priorizavam o talento criativo, os dotes intelectuais e a postura ética da candidata. No ano de 1950, Caty Silva, que com sua beleza negra encantou os jurados, foi eleita Boneca de Piche. Porém, apesar da intenção pedagógica dos concursos, nas edições seguintes foi-se perdendo a seriedade que os mesmos exigiam. Abdias Nascimento testemunha que houve pessoas, críticos que distorciam o real sentido dos concursos. Tapados pelo véu do racismo, não compreendiam o significado que os concursos, Rainha das Mulatas e Boneca de Piche, traziam em seus discursos contrapondo os estigmatizantes e racistas concursos de beleza hegemônicos. De acordo com Elisa Larkin Nascimento (2014), “o alvo dos concursos promovidos pelo TEN era exatamente colocar um ponto final na tradição brasileira de só ver na mulher negra um objeto erótico” (Nascimento, E., 2014, p. 162).

Figura 3 – Caty Silva eleita Boneca de Piche de 1950





Mesmo não tendo vida longa, os concursos em questão “[...] guardam sua força no modo como introduzem, numa sociedade de classes, toda uma discussão sobre a estética negra” (Braga, 2015, p. 182). Ressaltamos também que as discussões promovidas a partir de tais concursos permeavam todo o projeto político do TEN. Mesmo existindo por pouco tempo, tais concursos possibilitaram à mulher negra olhar para além das fronteiras impostas a elas; Fronteiras estas que as marginalizavam e as colocavam em posições desfavoráveis na sociedade.

A partir de tais experiências, sobretudo política, possibilitadas pelo TEN percebemos não apenas uma afirmação de beleza que seria construída a partir do corpo e da corporeidade negra, mas também um espaço de troca e de sociabilização da/para a mulher negra “contrapondo-se, portanto, aos concursos em que apenas mulheres brancas tinham possibilidade de inscrição” (Braga, 2015, p.182).

Stuart Hall (2013) ao levar a compreensão do corpo negro como algo que se torna receptáculo de significado à medida que exista em resistência e em transgressão a uma estética hegemônica nos faz entender que, mesmo dentro de toda a segregação social, os concursos Rainha das Mulatas e Boneca de piche possibilitaram mecanismos de utilização para que o corpo negro feminino fosse percebido como expressão, identificação na diáspora e como corpo. As mulheres negras que participaram destes concursos expressariam, então, além da sua cultura, suas histórias pessoais, suas identidades.

Assim, também, percebemos que na medida em que se colocavam como protagonistas de tais histórias, as fronteiras até então impostas a esse corpo negro feminino estariam sendo rompidas e dissolvidas no discurso que estes próprios corpos traziam. Os concursos Rainha das Mulatas e Boneca de Piche podem ser entendidos hoje como políticas antirracistas. Além de nos ajudar a compreender o corpo negro feminino negro como um possibilitador de afirmação e reconstrução da identidade racial.

Referências Bibliográficas

BRAGA, Amanda. *História da beleza no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos. Editora EdufsCar, 2015.



CARVALHO, José Jorge de. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. 2008. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.pdf html>. Acessado dia 15/02/2017.

DIAS, Luciene de Oliveira. Viver afetado: A imersão enquanto proposta para estudar comunicação. In: *Estudos Contemporâneos em Jornalismo*, coletânea 4, Goiânia: UFG/FIC, 2016. p. 62-79.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GREINER, C. *O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, v. 41, nº. 21, , set-dez. 2002, p. 140- 168. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>> Acesso em 27/02/2018.

GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. Editora 34, ed 1. São Paulo, 1999.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

PIMENTEL, A. Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de pesquisa*, nº. 114, novembro/2001, p. 179-195. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>> Acesso em: 23/02/2018.

ROSÁRIO, N. M.. Cartografia na Comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). EDIPUCRS: Porto Alegre, 2016.